



UNIVERSIDADE FEDERAL SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

**EXPERIÊNCIA COMUNICATIVA E INTERATIVA DE MORADORES
SURDOS/DEFICIENTES AUDITIVOS DA CEU II DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SANTA MARIA -RS**

Telma Heloisa Menezes Boelter

Santa Maria, RS, Brasil.

2019

**EXPERIÊNCIA COMUNICATIVA E INTERATIVA DE MORADORES
SURDOS/DEFICIENTES AUDITIVOS DA CEU II DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SANTA MARIA -RS**

Telma Heloisa Menezes Boelter

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Educação Especial do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria como requisito parcial para obtenção do grau de

Licenciada em Educação Especial

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elisane Maria Rampelotto

Santa Maria, RS, Brasil.

2019

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso Graduação em Educação Especial**

A Banca Examinadora, abaixo assinada, aprova o
Trabalho de Conclusão de Curso

**EXPERIÊNCIA COMUNICATIVA E INTERATIVA DE MORADORES
SURDOS/DEFICIENTES AUDITIVOS DA CEU II DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SANTA MARIA -RS**

elaborada por

Telma Heloisa Menezes Boelter

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Educação Especial Diurno- Licenciatura
Plena – da Universidade Federal de Santa
Maria como pré- requisito para aprovação
do grau de **Graduada em Educação
Especial.**

Aprovado em 05 de julho de 2019:

Prof^a. Elisane Maria Rampelotto, Dr^a (UFSM)

(Presidente / Orientadora)

Prof.^a Vanise Mello Lorensi, M.s (FADISMA)

TILS M.s Carine Barcellos (UFSM)

Santa Maria, 05 de julho de 2019.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, à minha orientadora Elisane pela paciência, pelo companheirismo e dedicação para que esta pesquisa saísse do meu imaginário e se tornasse possível o estudo. Obrigada pelo mate das manhãs de orientação, acolhimento nas frustrações e apoio.

Dedico este estudo aos sujeitos surdos que residem na Casa do Estudante II da UFSM, que enfrentam juntos dos ouvintes as precariedades físicas do espaço e muitas vezes, essencialmente os sujeitos dessa pesquisa, o esquecimento nos espaços deliberativos e dificuldades de expressar suas pautas.

À minha irmã, minha fonte principal inspiração de dedicação à ciência, da plenitude que é ser estudante, agradeço por todo apoio em toda graduação, por dividir, além de um quarto na CEU II, minha vida. Obrigada por ser luz durante meus momentos de escuridão, por me dar livros, puxões de orelhas, inclusive pelo teu sincero amor.

À Dona Mariza e Seu Telmar, minha gratidão eterna pela vida que me deram. Obrigada por acreditarem sempre em mim, por jamais me abandonarem. Eu não tenho palavras para expressar minha gratidão por todo esforço psicológico e financeiro para apoiar meu percurso terreno, tudo que posso fazer por vocês é dividir minhas vitórias e dedicá-las exclusivamente a vocês.

Agradeço também aos demais familiares. Minha tia Mirian, obrigada pelas noites de repouso, por sempre dispor seu lar, amor, comidas gostosas, cervejas e afeto. Ao Luciano por me aguardar feliz, por ser a criança inspiração da minha vida.

Por fim, um pouquinho deste estudo também é dedicado a cada amigo e amiga, profissionais e funcionários de escola, professores que dividiram comigo conhecimentos em todos espaços formativos que me inseri durante essa graduação.

“Gracias” Universo, por estar vivendo em seu precioso espaço.

RESUMO

Trabalho Final de Curso
Curso de Graduação em Educação Especial - Licenciatura Plena
Universidade Federal de Santa Maria

EXPERIÊNCIA COMUNICATIVA E INTERATIVA DE MORADORES SURDOS/DEFICIENTES AUDITIVOS DA CEU II DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA –RS

Autora: Telma Heloisa Menezes Boelter
Orientadora: Elisane Maria Rampelotto
Santa Maria, 05 de julho de 2019.

Este Trabalho de Conclusão de Curso-TCC, faz parte do programa de disciplinas obrigatórias do Curso de Educação Especial diurno da Universidade Federal de Santa Maria- UFSM, RS. A elaboração de uma pesquisa envolvendo uma das áreas de atuação é condição para obtenção do grau de Licenciada em Educação Especial. Esta temática surgiu, a partir de alguns questionamentos da autora deste trabalho, durante o tempo em que foi moradora da Casa do Estudante Universitário II – CEU II. Como objetivo central investiga a experiência comunicativa, interativa e de convivência entre estudantes surdos e demais moradores ouvintes nos espaços da CEU II e nos serviços oferecidos pela assistência estudantil da UFSM. Para o recolhimento de dados e instrumento de pesquisa deste estudo, optou-se por um questionário elaborado com onze perguntas que visaram em suas questões investigar a experiência comunicativa, interativa e de convivência entre estudantes surdos e demais moradores ouvintes nos espaços da CEU II e nos serviços oferecidos pela assistência estudantil da UFSM. Como referência bibliográfica, legislações (internas da CEU II, nacionais e voltadas aos alunos com baixa renda da UFSM) voltadas às experiências interativas/comunicativas dos sujeitos deste estudo. Os dados foram coletados a partir da vivência de três sujeitos surdos/deficientes auditivos – dois deficientes auditivos e um surdo – que enfrentam o cotidiano como moradores de um espaço onde há predominância de pessoas ouvintes. Os resultados revelam que os sujeitos passam por dificuldades interativas/comunicativas subjetivas a cada alteridade, mesmo que dois deles utilizam como modalidade de comunicação a oralidade e o sujeito que também se comunica por Libras enfrenta obstáculos linguísticos e falta de intérpretes nos espaços deliberativos e nos serviços oferecidos pela assistência estudantil da UFSM.

Palavras-Chave: Comunicação – Interação – Moradores Surdos – Experiências.

Lista de Quadros

Quadro 1 - Diferenças entre pesquisa qualitativa e quantitativa.	16
Quadro 2 - Identificação dos sujeitos da pesquisa.	17
Quadro 3 - Comparativo do tipo de coleta de dados.	18
Quadro 4 - Respostas sobre a identificação dos sujeitos.....	27
Quadro 5 - Respostas quanto a modalidade de comunicação utilizada.....	29
Quadro 6 - Respostas sobre domínio da LIBRAS.....	30
Quadro 7 - Respostas quanto a experiência comunicativa.	32
Quadro 8 - Respostas quanto a interatividade.	33
Quadro 9 - Respostas quanto a comunicação com demais setores da universidade.	33
Quadro 10 - Respostas quanto comunicação em assembleias e reuniões da CEU II	35
Quadro 11 - Respostas quanto ao entendimento com os colegas surdos e ouvintes moradores da CEU II.....	35

Sumário

1 Apresentando o Estudo	11
2 Caminhos da Investigação	15
2.2 Sujeitos da Pesquisa.....	17
2.3 Instrumento da Pesquisa	18
3 Referencial Teórico	Erro! Indicador não definido.
3.1 A surdez entendida como Fenômeno Físico & como Construção cultural	21
3.2 Comunicação em Libras & Oralismo.....	22
4. Análise de Dados e Discussão dos Resultados	27
4.1 A condição de ser Surdo & Deficiente Auditivo	27
5. Para Terminar	37
Referências	39
Apêndice	41
APÊNDICE A	41
APÊNDICE B	43

1 Apresentando o Estudo

Dou início a este trabalho, contando resumidamente minha trajetória de formação, que faz parte do esforço do meu pai e de minha mãe, que nunca negaram, tanto à mim quanto minha irmã, oportunidades de estudo para desenvolver nossos potenciais e habilidades; juntamente das políticas públicas que proporcionaram e ainda proporcionam, mesmo com seus déficits, educação pública e gratuita – em todos os níveis - para crianças, jovens e adultos assim como eu, provenientes de famílias carentes.

Oriunda de escola pública, meu percurso na educação iniciou com cinco anos na pré-escola, em 2001, na EMEF João Batista Bassotto, na cidade de São Pedro do Sul - RS, estudei nesta escola até a quarta série e depois fui transferida para a Escola Estadual de Educação Básica Tito Ferrari, no centro da cidade, onde estudei até o 3º ano do ensino médio. Minha trajetória e minha aproximação com a comunidade surda inicia nesta escola. Na 5º série (2006), tive uma colega surda, a qual foi minha melhor amiga, mesmo que não tivéssemos uma língua na qual possibilitasse uma comunicação efetiva, aprendi sinais básicos em LIBRAS. Nesta época participava do grupo de surdos da escola no contraturno, mediado pela intérprete e educadora especial da escola. Meu sinal, criado pelos surdos da escola foi e é até hoje a configuração de mão “T” no nariz, devido a uma espinha que eu tinha nessa parte do corpo.

Ingressei no ano de 2013 no curso de Educação Especial, pelas Vagas Remanescentes da Universidade Federal de Santa Maria, no Sistema Universal, com 17 anos – era uma das alunas mais novas da turma deste ano. Logo no início do curso, no primeiro semestre mais precisamente, iniciei atividades na área sendo voluntária do Projeto de Estimulação Essencial do NEPES (Núcleo de Ensino Pesquisa e Extensão em Educação Especial), saindo do referido projeto no terceiro semestre do curso. Colaborei como voluntária da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais da cidade de São Pedro do Sul nas férias de inverno do ano de 2013.

Após isso, participei como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID - no projeto Interdisciplinar Educação Matemática e como voluntária no Grupo de Pesquisa e Extensão em Educação Matemática – GEPEMat. Concomitante ao PIBID e ao GEPEMat, fui voluntária do grupo teatral que visita crianças com câncer e outras enfermidades, Darth Vader – Legião do

Bem. Trabalhei como voluntária no DESCUBRA – UFSM, em 2015 e 2016 apresentando o curso aos alunos do ensino médio. Fui bolsista na Confirmação de Vagas do SISU 2016 e monitora da disciplina de Jogo Teatral e Educação no segundo semestre de 2016. Neste semestre letivo, por problemas de saúde, não pude dar continuidade a monitoria e tampouco as disciplinas que iniciei a cursar. Fiz trancamento total das disciplinas e deixei de ser monitora no referido semestre. Até realizar o trancamento do curso, fui moradora da Casa do Estudante Universitário II – CEU II. A motivação para este estudo inicia com meu ingresso à CEU II em 2013, onde desde esse ano me fiz presente nos espaços promovidos pela Diretoria da CEU II. Sempre que podia, tentava participar dos espaços de auto-organização (assembleias de moradores, votações, etc.). Nesses espaços, onde a Direção da CEU II busca perceber as demandas dos moradores, observava e me questionava: onde estão os moradores surdos, porque os mesmos não se fazem presentes nesses espaços deliberativos? Em outros momentos, comecei a me questionar sobre o dia-dia desses moradores: como se dá as relações com os seus/suas colegas ouvintes de apartamento? Como acontece a comunicação entre eles/elas? Como interagem entre si? Que modalidade linguística utilizam para interação no dia a dia na casa de estudante? Como acontece a comunicação dos estudantes surdos e ouvintes nos serviços básicos oferecidos para os moradores, como lavanderia, RU e o próprio atendimento na Direção da CEU II? Isso me inquietou e ainda inquieta até hoje, mesmo não residindo atualmente na CEU II.

Diante dessas colocações trago como problema de pesquisa a seguinte questão: **como acontece a comunicação e interação entre os moradores surdos e ouvintes nos espaços da CEU II e nos serviços oferecidos pela assistência estudantil da Universidade Federal de Santa Maria-RS?**

O presente trabalho tem como objetivo geral: investigar a experiência comunicativa, interativa e de convivência entre estudantes surdos e demais moradores ouvintes nos espaços da CEU II e nos serviços oferecidos pela assistência estudantil da UFSM. Como objetivos específicos: verificar acontecimentos do cotidiano e realidade dos moradores surdos da CEU II, bem como investigar a modalidade comunicativa entre os estudantes surdos e ouvintes nos espaços da CEU II.

A estrutura do TCC apresenta-se em itens. Entre eles:

I - Na Apresentação do Estudo traço algumas passagens da minha trajetória acadêmica até chegar a escolha da temática deste TCC.

II - Em *Caminhos Metodológicos*, descrevo como foi delineada a pesquisa e aplicado o questionário com os três sujeitos surdos moradores da CEU II.

III – No Referencial Teórico abordo sobre: *A surdez entendida como Fenômeno Físico & como Construção cultural* e a *Comunicação em Libras & Oralismo*, para embasar a escrita do texto.

IV – Para dar conta da análise dos dados elenco duas Categorias para discussão dos resultados. A primeira categoria vai tratar da *Condição de ser surdo & deficiente auditivo* e, a segunda sobre *A experiência comunicativa /interativa do surdo & deficiente auditivo*.

V- Por fim, em *Para Terminar*, encaminho as notas conclusivas do estudo.

2 Caminhos da Investigação

Uma pesquisa começa por nossa curiosidade em saber algo. Essa pesquisa tem objetivos e um problema que move a busca pela solução e/ou respostas.

Nas colocações de Cervo & Bervian, o problema de pesquisa "envolve intrinsecamente uma dificuldade teórica ou prática, para a qual se deve encontrar uma solução" (CERVO & BERVIAN, 2002, p. 84).

Sendo assim, para formular um problema Rudio afirma que depende

em dizer, de maneira explícita, clara, compreensível e operacional, qual a dificuldade com a qual nos defrontamos e que pretendemos resolver, limitando o seu campo e apresentando suas características. Desta forma, o objetivo da formulação do problema é torná-lo individualizado, específico, inconfundível" (RUDIO, 1980, p. 75).

Portanto, o problema de pesquisa deve estar claro e ser elaborado em forma de pergunta que ao final do estudo deve ser respondida. O resultado de uma boa formulação do problema passa por uma boa revisão de literatura e argumentação pessoal (CERVO & BERVIAN, 2002).

Investigar algo exige postura, intimidade com a temática e envolve afeto, segundo Hirtz, pesquisar

significa estabelecer um diálogo consigo mesmo, porque a pergunta ou a problemática de que se origina a pesquisa está intimamente relacionada com as vivências do pesquisador, com a sua trajetória pessoal e profissional. Eu preciso me sentir afetado... Se não criamos um vínculo afetivo com o objeto a ser pesquisado, provavelmente, não nos envolvemos intensamente com a pesquisa, porque não atribuiremos sentido e significado a mesma (HIRTZ, 2004,p.14).

Durante os quatro anos que residi na CEU II procurei observar, no contexto da casa de estudante, as pessoas deficientes, entre elas a alteridade surda. Nesses espaços, na maioria das vezes, era nula a participação dos acadêmicos com deficiência ou surdos bem como, muitas vezes esquecidas as pautas destes estudantes que residem no CEU II. Assim foi que surgiu meu desejo e possibilidade sobre a temática que poderia escolher para escrever este TCC. Foi neste período de vivência e convivência na CEU II que me senti afetada em investigar sobre a

comunicação, interação e cotidiano de estudantes surdos e demais moradores ouvintes nos espaços da casa.

Uma pesquisa pode apresentar-se como quantitativa, qualitativa ou quanti-quali. Elas tem natureza, objetivos e aplicações diferentes. As pesquisas qualitativas possibilitam o entendimento do contexto do problema enquanto a investigação quantitativa considera os dados estatísticos que são expressos em quantidade (MALHOTRA, 2006).

Para visualizar e com base no Quadro 1 Malhotra (2006), mostra as diferenças entre a pesquisa qualitativa e quantitativa.

Quadro 1 - Diferenças entre pesquisa qualitativa e quantitativa.

	PESQUISA QUALITATIVA	PESQUISA QUANTITATIVA
Objetivo	Alcançar uma compreensão qualitativa das razões e motivações subjacentes	Quantificar os dados e generalizar os resultados da amostra para a população alvo
Amostra	Número pequeno de casos não-representativos	Grande número de casos representativos
Coleta de Dados	Não-estruturada	Estruturada
Análise de Dados	Não estatística	Estatística
Resultados	Desenvolvem uma compreensão inicial	Recomendam uma linha de ação final

Fonte: Malhotra, 2006.

Em busca de salientar, conhecer e expor como acontece a comunicação e interação entre os moradores surdos da CEU II, esta pesquisa apresenta-se como descritiva e qualitativa tendo como objetivos verificar acontecimentos do cotidiano e realidade desses sujeitos - acadêmicos surdos da UFSM. Para isso, "o diálogo com

a realidade e com os sujeitos somente acontece quando o pesquisador adota uma atitude de abertura ao outro, àquilo que lhe parece novo e quando reconhece o desafio que a realidade e os outros lhe lançam" (POSSA, 2008, p.135).

Para Gil (1999), em relação as pesquisas descritivas, destaca-se aquelas que objetivam compreender as características de um grupo, ou seja, o autor diz que

as pesquisas descritivas têm como finalidade principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Esse tipo de pesquisa utiliza questionários e observações (GIL, 1999, p.28).

A pesquisa descritiva é aquela que busca relatar acontecimentos e fenômenos de determinadas culturas ou populações ou estabelecimentos de acontecimentos variáveis.

2.2 Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos de pesquisa convidados para participarem deste estudo são três (3) estudantes surdos ou deficientes auditivos que residem na CEU II e, que estão no ensino superior na UFSM. Para preservar a identidade dos sujeitos, neste TCC, serão identificados pela letra S (maiúscula), seguida dos números 1, 2 e 3. Assim serão identificados os participantes do estudo. Para melhor visualizar estão representados no quadro 2.

Quadro 2 - Identificação dos sujeitos da pesquisa.

Sujeitos	Tipo de surdez
S1	Leve
S2	Severa
S3	Profunda/Moderada

Fonte: Elaborado pela autora

S1: Ingressou na UFSM em 2019/1º semestre. Mora na CEU II por cerca de dois meses.

S2: Ingressou na UFSM em 2019/1º semestre. Mora na CEU II por cerca de um mês.

S3: Ingressou na UFSM em 2014/1º semestre, mora na casa do estudante há cinco anos.

2.3 Instrumento da Pesquisa

Quanto a escolha do instrumento de pesquisa optou-se pelo questionário para coleta dos dados. Para Marconi & Lakatos (1999), o questionário é um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado, etc.

Segundo Marconi & Lakatos o questionário é um “encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto” (Marconi & Lakatos, 1999, p. 94).

No caso do questionário aplicado neste estudo, busca-se salientar, conhecer e expor como acontece a comunicação e interação entre os moradores surdos e ouvintes nos espaços e nos serviços oferecidos pela assistência estudantil da CEU II da Universidade Federal de Santa Maria. Com dados voltados à questão qualitativa em relação a autonomia comunicativa e de interação nos espaços da residência e serviços oferecidos aos moradores.

Quanto a forma do questionário Ribeiro (2008, p. 13), faz referência, conforme o quadro 3, onde compara técnicas de coleta de dados, destacando os pontos fortes e fracos:

Quadro 3 - Comparativo do tipo de coleta de dados.

Técnica de coleta	Pontos Fortes	Pontos Fracos
Questionário	<ul style="list-style-type: none"> -Garante o anonimato, -Questões objetivas de fácil pontuação, -Questões padronizadas garantem uniformidade, -Deixa em aberto o tempo para as pessoas pensarem sobre as respostas, - Facilidade de conversão dos dados para arquivos de computador, -Custo razoável. 	<ul style="list-style-type: none"> - Baixa taxa de respostas para questionários enviados pelo correio, - Inviabilidade de comprovar respostas ou esclarecê-las - Difícil pontuar questões abertas, -Dá margem a respostas influenciadas pelo “desejo de nivelamento social/ambíguos -Restrito a pessoas aptas à leitura, -Pode ter itens polarizados/ ambíguos.

Fonte: Ribeiro, 2008.

Para realizar a coleta dos dados fez-se uso de questões guias utilizadas com moradores surdos da CEU II. O documento elaborado encontra-se no final do texto no Apêndice A.

3.1 A surdez entendida como Fenômeno Físico & como Construção cultural

No meio educacional, o uso de metodologias e de práticas corretivas prevaleceram por muitos anos. O fato de que os ouvintes (que inicialmente) dedicavam-se ao ato de educar pela ótica do sujeito ouvinte, deixavam assim, uma cultura corretiva, com objetivo de recuperar estes sujeitos para que se adequassem ao meio ouvinte. Sendo assim, os primeiros registros históricos de técnicas educativas se deram por ouvintes. Neste sentido a surdez pode ser entendida como um fenômeno físico. E, como fenômeno físico, segundo Rampelotto, a surdez

se configura como um modelo clínico-terapêutico. Nesse modelo, a concepção de deficiência se relaciona com a patologia, com a doença, ou seja, o surdo é considerado uma pessoa que não ouve, por isso, não fala. A falta de audição converteu-se em deficiência - uma patologia que necessita ser curada para que o sujeito possa ser corrigido da anormalidade e assim ele poderá ser integrado (RAMPELOTTO, 2006, p. 09).

Nesse sentido, Skliar (1999) destaca que os surdos tem sido continuamente inventados e excluídos. Ele diz que “seus corpos foram moldados a partir do ouvido incompleto e da fala insuficiente. Suas identidades, pensadas como pedaços desfeitos. Suas mentes, como obscuras e silenciosas cavernas” (p.28).

Os sujeitos surdos buscam ser vistos e narrados a partir dos estudos culturais, como pessoas de uma cultura que possuem uma história de lutas pelo reconhecimento de sua diferença e de uma identidade grupal. A partir da década de 60 quando antropólogos, linguistas e sociólogos se interessam pelas questões dos surdos é que a língua de sinais ganha status de língua. Entretanto, no Brasil, a Libras foi oficializada em 24 de abril de 2002, e a partir do Decreto n. 5.626 de 22 de dezembro de 2005 acontece uma grande virada na educação dos surdos onde o modelo clínico-terapêutico perde força dando visibilidade à surdez como um fenômeno cultural. Sendo assim, para Strobel (2008) a cultura surda produz um conjunto de perspectivas que constituem ao próprio surdo como uma fonte de cultura.

Na ótica sócio-antropológica da surdez, para Skliar (2001) é uma ideia que resulta em uma nova visão de educação de surdos já que

é uma concepção na qual os surdos têm um papel importante na construção de sua própria educação. São os surdos adultos que devem construir modelos fundamentais linguísticos e pedagógicos para o desenvolvimento das crianças surdas. (Skliar, 2001, p. 9)

Assim, os artefatos culturais se mostram como peculiaridades da cultura surda. Sendo que os mesmos não se referem apenas como materialismos culturais, mas como elementos culturais e como produções subjetivas de modo de ser, ver, entender e transformar seu meio.

Dentre os artefatos culturais a Experiência Visual é um dos principais e mais importantes citados por Strobel (2008), pois permite a interação do surdo com sua comunidade, sendo assim, o surdo pode ser visto como uma “pessoa visual”. Outro artefato cultural da cultura surda, de igual importância, é o Linguístico, pois a língua de sinais é um aspecto fundamental para o surdo. Neste, incluem-se gestos (sinais emergentes ou sinais caseiros) casos recorrentes em sujeitos isolados da comunidade surda. Para Strobel “os sujeitos surdos que tem acesso à língua de sinais e participação da comunidade surda têm maior segurança, auto-estima e identidade sadia” (2008, p. 45). Também, é considerado por Strobel como artefato cultural linguístico o sistema de escrita para escrever língua de sinais. Conhecido pelo nome de Sign Writing – SW, é um sistema de escrita utilizado para grafar sinais.

Outro artefato cultural é o Familiar. É quando acontece o nascimento de uma criança surda em um meio familiar onde os pais são surdos – diferentemente de um sujeito surdo nasce em uma família ouvinte – o que favorece na inserção do filho na cultura dos próprios pais surdos, assegurando à criança uma facilidade ao se ver como surdo e ter acesso aos artefatos culturais surdos – sua identidade.

3.2 Comunicação em Libras & Oralismo

Nos processos de desenvolvimento e convívio entre surdos e ouvintes, sabe-se que na maioria dos espaços o sujeito surdo fica em desvantagem por ser falante de uma língua que poucas pessoas dominam a ponto de haver efetivamente uma comunicação. Para Lodi, Lacerda (2014)

É a língua, como sistema de signos, que permite a interação entre indivíduos e o partilhar de uma mesma cultura. É também pela linguagem e na linguagem que os conhecimentos são construídos, pois, ao partilharem

um sistema de signos constitutivos de uma língua, estes sujeitos podem, além de desenvolverem uma compreensão mútua, colocar em circulação os múltiplos sentidos presentes na linguagem, configurando, assim, a polissemia constitutiva desta. (LODI; LACERDA, 2014, p.13)

É fato que em qualquer instituição de ensino superior a grande maioria dos/as acadêmicos/as são ouvintes e, “as pessoas surdas acabam tendo dificuldades de acesso à linguagem oral e escrita do grupo (ouvinte) ao qual pertencem e, portanto, as práticas educacionais voltadas a essa população devem considerar tal particularidade, o que nem sempre acontece.” (LODI; LACERDA, 2014, p.11).

Para Longman (2007), grupos surdos, para romper a visão de deficiência/corretiva/biológica, definem-se como minorias linguísticas bem como reafirmam como grupos culturais com representações, significações e produções no campo intelectual, ético, estético, artístico e corporal, a partir de sua experiência visual e principalmente, de sua língua, constituída de estratégias cognitivas visuais e corporais, fazendo-se assim uma cultura.

Historicamente foi um marco para o I Congresso Internacional sobre a Instrução de Surdos Mudos, em Paris, no ano de 1878, onde houve a aprovação para instrução oral através do “método articulatorio, que incluía a leitura labial” (MARCHESI, 1987, p.184). Esse método foi considerado como o mais viável para integrar o surdo à sociedade (mesmo admitindo sinais como auxiliares na educação). Para Rampelotto

a comunicação oral se fazia acompanhar de sinais, o que se assemelhava mais a uma comunicação total, como existe atualmente. O que levava os professores a se definirem como oralistas era a presença marcante e predominante da fala. (Rampelotto, 1993, p. 15).

Já no próximo congresso, o método oral foi imposto e determinou-se uma metodologia exclusivamente oral. Para Rampelotto (1993, p. 15) “... esse congresso tornou-se um referencial histórico na educação de surdos pelo método oralista, pois consagrou a grande vitória dos métodos exclusivamente orais”.

Para a mesma autora (1993), o oralismo é um método que submete o surdo a treinamento com técnicas específicas do treino auditivo, a percepção visual para leitura labial e percepção tátil para sentir as vibrações produzidas nas emissões articulatorias que possibilitam o surdo falar e compreender a fala de ouvintes. Ainda,

diz Rampelotto que “a educação oralista dos surdos é, portanto, uma abordagem de educação na qual o surdo deve concentrar seus esforços para reproduzir o modelo ouvinte.” (RAMPELOTTO, 1993, p. 15).

Ao contrário da abordagem oralista, utilizada por longas décadas na educação de surdos, a Libras - Língua Brasileira de Sinais é a língua natural da comunidade surda. É uma língua que pode ser aprendida por qualquer pessoa que tenha interesse pela comunicação com a comunidade surda.

Para Stokoe (1980) a língua de sinais é entendida como um sistema linguístico usado para a comunicação entre surdos e adquirido como L1 por pessoas que não podem ouvir nenhuma língua oral auditiva e também por filhos de pais surdos.

A Libras foi oficializada pela Lei n.º 10.436/2002 e, posteriormente, com o Decreto n.º 5.626/2005 (BRASIL, 2002; 2005). Como língua é formada

de todos os componentes pertinentes às línguas orais, como gramática semântica, pragmática, sintaxe e outros elementos, preenchendo, assim, os requisitos científicos para ser considerada instrumental linguístico de poder e força. Possui todos os elementos classificatórios identificáveis de uma língua e demanda prática para seu aprendizado, como qualquer outra língua. (RAMPELOTTO; MELARA, 2011, p.11-12).

Assim, é importante ressaltar que a Libras é utilizada pela comunidade surda brasileira bem antes da sua oficialização. Entretanto, " apenas com os amparos legais os estudantes surdos conquistam espaços de participação e de uso de sua língua" (BARROS, 2018, p.47).

De acordo com Lodi e Lacerda (2014), é a língua como sistema de signos,

que permite a interação entre indivíduos e o partilhar de uma mesma cultura. É também pela linguagem e na linguagem que os conhecimentos são construídos, pois, ao partilharem um sistema de signos constitutivos de uma língua, estes sujeitos podem, além de desenvolverem uma compreensão mútua, colocar em circulação os múltiplos sentidos presentes na linguagem, configurando, assim, a polissemia constitutiva desta. (LODI; LACERDA, 2014, p.13).

Assim, é importante também lembrar o que revelam os estudos de Quadros (1997). A autora diz que

[...] a aquisição da linguagem somente é possível em seres humanos por serem dotados de uma capacidade linguística mental geneticamente determinada (a faculdade da linguagem-*l-language*). O ambiente e a

interação social apresentam importância inquestionável para o desenvolvimento da *E-language*". (QUADROS 1997, p. 69).

Neste sentido, o contato com a comunidade surda é condição determinante para a construção linguística do surdo assim como essencial para a aquisição da língua de sinais como primeira língua organizada e constituída na vida desses sujeitos.

4. Análise de Dados e Discussão dos Resultados

Para responder ao problema de pesquisa e compreender como acontece a comunicação e interação entre os moradores surdos e ouvintes nos espaços da CEU II e nos serviços oferecidos pela assistência estudantil da UFSM, elenco duas Unidades de Análise. São elas:

- **A condição de ser surdo & deficiente auditivo**
- **A experiência comunicativa /interativa do surdo & deficiente auditivo**

4.1 A condição de ser Surdo & Deficiente Auditivo

A condição da surdez pode ser classificada conforme as perdas auditivas de acordo com o grau de surdez. Mas a surdez pode ser narrada e entendida como “diferença primordial” e, sendo assim “remete a uma condição primeira que determina formas de estar, de conviver e de se identificar com o outro que traz marcas que reconheço como semelhantes àquelas que possuo” (LOPES, 2006, p. 29).

Ainda, nas palavras de Lopes “quem tem surdez parte de uma condição narrada como diferenciada em relação a quem tem audição” (LOPES, 2006, p. 29). Neste sentido, a mesma autora diz que “a surdez, nessa narrativa, é marcada pela presença de um conjunto de elementos que inscrevem alguns sujeitos em um grupo e outros não” (LOPES, 2006, p. 29-30).

Uma das questões realizadas aos sujeitos desta pesquisa refere-se a identificação, ou seja, eles deveriam marcar entre as opções: surdo, deficiente auditivo ou ouvinte. Pode-se visualizar as respostas no quadro 4.

Quadro 4 - Respostas sobre a identificação dos sujeitos

Como você se identifica?	
S1	Deficiente auditivo (surdez leve)
S2	Deficiente auditivo (surdez severa)
S3	Surdo (surdez profunda e moderada)

Fonte: elaborado pela autora.

Em suas respostas, **S1** e **S2** identificam-se como deficientes auditivos, já **S3**, como surdo. Esses conceitos são essencialmente distintos e exigem um olhar diferenciado para distingui-los.

A Política Nacional de Educação Especial – PNEE é considerada uma garantia de direitos e deveres aos sujeitos com deficiência. A PNEE define a deficiência auditiva como sendo a “perda total ou parcial, congênita ou adquirida, da capacidade de compreender a fala por intermédio do ouvido” (BRASIL 1994, p. 14).

Para que seja possível classificar os sujeitos como “deficiente auditivo” ou “surdo” faço referência aos parâmetros do MEC, SEESP (2004), que classifica as perdas auditivas de acordo com o grau de surdez; bem como utilizo o decreto Nº3.298, de 20 de dezembro de 1999, Art.4º, que considera a pessoa com deficiência aquela que se enquadrar em uma das seguintes categorias:

- De 25 a 40 Decibéis – Surdez Leve
- De 41 a 70 Decibéis - Surdez Moderada
- De 71 a 90 Decibéis - Surdez Severa
- Acima de 91 Decibéis - Surdez Profunda
- Anacusia

No caso de S1, identifica-se na pesquisa como deficiente auditivo que possui, segundo o próprio sujeito, surdez leve e faz uso de aparelho auditivo. Para o Ministério de Educação - MEC (2004) quando o caso do Sujeito Deficiente Auditivo em surdez leve “(...) a pessoa adquire linguagem, mas pode ter dificuldades de fala, leitura e escrita. Ela não percebe da mesma forma todos os fonemas das palavras, como também não ouve a voz fraca ou de longe (...) “(MEC, SEESP, 2004).

Segundo **S2**, identifica-se como deficiente auditivo, conforme a resposta ao questionário, utiliza aparelho auditivo e possui surdez Severa. Para o MEC (2004), no caso do sujeito Deficiente Auditivo com surdez severa – neste caso é possível identificar somente ruídos familiares e perceber a voz forte, “podendo chegar até aos quatro ou cinco anos sem aprender a falar. A compreensão verbal vai depender, em grande parte, de sua aptidão para utilizar a percepção visual e para observar o contexto das situações” (MEC, SEESP, 2004, p.19).

Enquanto **S3**, identifica-se como surdo - possui surdez profunda em um dos ouvidos e moderada no outro. Segundo o MEC (2004), o sujeito com surdez moderada adquire linguagem mas pode ter dificuldades de fala, leitura e escrita. Em razão disso pode apresentar atraso de linguagem (MEC, SEESP, 2004, p.19). Assim, com o uso do aparelho auditivo alguns sons podem ser identificados.

Enquanto que na surdez profunda a pessoa não percebe nem identifica a voz humana. Neste caso “não adquire a língua oral naturalmente, sendo preciso conviver com a comunidade surda e adquirir a língua de sinais” (RAMPELOTTO; MELARA, 2011, p.8).

Os sujeitos considerados deficientes auditivos geralmente utilizam-se da abordagem oralista “priorizando o ensino da fala como centralidade do trabalho pedagógico” (SILVA; LEMOS, 2008, p. 72).

Neste estudo não foi intenção investigar sobre a identidade dos sujeitos da pesquisa. No entanto, conforme nos diz Perlin (2004), as formas de organizar o pensamento e a linguagem transcendem as formas ouvintes. Sendo assim, a construção da identidade acontece basicamente a partir da aquisição da língua de sinais e da vivência da cultura surda.

A mesma autora citada acima ainda coloca que “a identidade surda sempre está em proximidade, em situação de necessidade com o outro igual” (2002, p.32), e por isso a importância de o surdo estar em contato com seus pares e com a cultura surda. Os surdos são usuários de uma comunicação de ordem espacial e visual, ou seja, comunicam-se utilizando-se da visão e de sinais que acontecem no espaço.

Na sequência, outra questão foi realizada aos sujeitos de pesquisa. Desta vez sobre a modalidade de comunicação que cada um tem domínio e usa no dia a dia. Abaixo o quadro que representa a resposta dada pelos sujeitos:

Quadro 5 - Respostas quanto a modalidade de comunicação utilizada.

Qual a modalidade de comunicação você tem domínio e utiliza cotidianamente?	
S1	Comunicação oral
S2	Comunicação oral
S3	Comunicação oral e libras

S1 utiliza a comunicação oral como modalidade de comunicação cotidianamente. Ao responder a questão S1 diz: “só utilizei a língua de sinais na escola, no ensino fundamental... no cotidiano apenas a modalidade de comunicação oral” (S1).

Para S2, que faz uso da modalidade oral com ouvintes diz que " não tenho contato com surdos na CEU II" (S2).

Para S3, que se identifica como surdo, utiliza Libras quando em contato com surdo usuário da língua viso-manual. E quando interage com ouvintes que não dominam a Libras faz uso da modalidade oral. Em suas colocações S3 diz que usa: "*comunicação Oral quando os colegas não sabem Libras. E uso Libras quando algum colega usa a Libras*" (S3).

No quadro 6 abaixo outro questionamento realizado aos sujeitos da pesquisa refere-se ao domínio da Libras e sua utilização no espaço da CEU II.

Quadro 6 - Respostas sobre domínio da LIBRAS

Você tem domínio da Libras (língua brasileira de sinais)? Utiliza no cotidiano da CEU II?	
S1	Só utilizei a língua de sinais na escola, no ensino fundamental... No cotidiano apenas a modalidade de comunicação oral
S2	Conheço alguns sinais, muito pouco. Não utilizo no dia-dia
S3	Sim, mas são poucas as pessoas que sabem libras, é preciso que mais pessoas aprendam a se comunicar em libras e há necessidade de intérpretes para ajudar na informação. Assim, a comunicação por fala acontece normalmente quando o colega não sabe a libras

Fonte: elaborado pela autora.

De acordo com as respostas dos três sujeitos pode-se perceber que utilizam a modalidade oral para a comunicação entre os colegas da CEU II. **S1** por exemplo,

responde que: "não tenho contato com outros surdos/deficientes auditivos residentes da CEU" (**S1**).

Enquanto que **S2**, conforme descrito no quadro acima, não utiliza a Libras cotidianamente conhecendo poucos sinais da língua visual espacial.

Apenas **S3** tem domínio da Libras e faz uso da Libras, isso quando encontra alguém usuário desta língua. É necessário portanto, que mais pessoas aprendam a comunicar-se em Libras e também que os intérpretes possam auxiliar quando estiver presente um surdo. Essa são as colocações de **S3** quando questionado sobre o uso da Libras na CEU II.

Assim, nas colocações de Barros (2018)

no processo de importância da interação através da linguagem é que se percebe o quanto o surdo fica em desvantagem por ser usuário de uma língua que, na maioria dos espaços que ele frequenta, poucas ou quase nenhuma das pessoas conseguem se comunicar usando a Libras (BARROS, 2018, p. 72)

Com a garantia da oficialização da Lei nº 10.436 em 2002 e o Decreto nº 5.626 em 2005 são muitos os alunos/as surdos/as que chegam as instituições de ensino superior e isso "só reforça a responsabilidade em busca de alternativas através de projetos que contemplem as questões da surdez e que possa aprender a conviver com a diversidade linguística que passa existir" (BARROS, 2018, p 72).

Ainda assim são poucos/as os acadêmicos/as, professores/as e servidores/as Técnicos Administrativos que se interessam pelo aprendizado da Libras. Para aprender qualquer língua, seja ela oral auditiva ou gestual visual, é preciso o contato com quem a usa. Por isso, no caso do aprendizado da Libras por ouvintes, é de grande importância a imersão nas comunidades surdas. Sabe-se que é no contato e interação que se aprende qualquer língua - também a Libras. Sendo assim, para ter domínio e ser usuário da língua de sinais é preciso envolvimento e participação na comunidade surda. Conforme ALMEIDA (2000, p.3), "surdos e ouvintes têm línguas diferentes, mas podem viver em uma única comunidade, desde que haja um esforço mútuo de aproximação pelo conhecimento das duas línguas, tanto por ouvintes como por surdos". Para aprender uma segunda língua é preciso empenho, dedicação e envolvimento. Sendo assim, ao aprender outra língua é também um modo de experimentar outras relações e de construir outras identidades.

4.2 A experiência comunicativa /interativa do Surdo & Deficiente Auditivo

Como mencionado no referencial teórico deste TCC, existe uma distinção entre os termos deficientes auditivos e surdos. Vale mencionar que o deficiente auditivo e o surdo não possuem a mesma identidade. O sujeito considerado deficiente auditivo, por ter restos auditivos que podem ser estimulados, mas nem sempre pode falar. E o sujeito surdo, que faz uso predominantemente da comunicação visual através da língua de sinais, não usa a comunicação através da audição.

No quadro 7 abaixo os fragmentos das respostas dos sujeitos sobre a experiência comunicativa com ouvinte e surdos:

Quadro 7 - Respostas quanto a experiência comunicativa.

Como você se comunica e interage com colegas surdos/deficientes auditivos nos espaços da CEU II?	
S1	Não tenho contato com outros surdos/deficientes auditivos residentes da CEU.
S2	Não tenho contato com surdos na CEU II, porém em sala de aula utilizo libras para me comunicar com um colega de curso.
S3	Comunicação oral quando os colegas não sabem libras. E uso libras quando algum colega usa a libras.

Fonte: elaborado pela autora.

Os sujeitos **S1** e **S2** não mantêm contato com outros deficientes auditivos/surdos residentes da CEU II, mas **S2** diz que utiliza Libras para comunicação com o colega de curso que é surdo (enfaticamente, respondeu que utiliza língua de sinais apenas com o colega de curso). Comenta ainda que o entendimento torna-se difícil em espaços com muitos ruídos, ou quando há impedimento de leitura labial (conforme Quadro 9). Para **S3** que utiliza comunicação oral quando seus colegas não sabem Libras e quando comunica-se com uma pessoa que sabe Libras, utiliza Libras.

Ao ser questionado os sujeitos da pesquisa quanto suas experiências comunicativas/interativas percebem-se que não há um padrão de vivência, onde cada um experiencia de forma subjetiva a cada espaço. Isto é mostrado no quadro 8.

Quadro 8 - Respostas quanto a interatividade.

E com os colegas ouvintes da CEU II? Como acontece a comunicação e interação?	
S1	Não tenho problemas de comunicação com os colegas de apartamento. Minha comunicação em diversos espaços se efetiva
S2	Tenho bastante dificuldade para compreender ouvintes, pois minha perda auditiva é grande.
S3	É normal a convivência ...a minha vida aqui na casa... Consigo trocar informações facilmente com os colegas

Fonte: elaborado pela autora.

Como indica o Quadro 9, **S1** comunica-se efetivamente em diversos espaços que se insere, inclusive no seu apartamento com os colegas que reside. No caso de **S2** (sujeito Deficiente Auditivo com surdez severa) afirma que “tenho bastante dificuldade para compreender ouvintes, pois minha perda auditiva é grande” (**S2**). Já **S3** diz que consegue trocar informações facilmente com seus colegas.

Quadro 9 - Respostas quanto a comunicação com demais setores da universidade.

E com os servidores ouvintes do RU, bolsistas da lavanderia, laboratório de informática, membros da diretoria estudantil e PRAE? Como acontece a comunicação e interação?	
S1	Sinto dificuldade apenas em locais com muito barulho.
S2	Geralmente tenho dificuldade de comunicação em locais públicos... Mas tenho uma boa comunicação, apesar da dificuldade, pois a leitura labial auxilia.
S3	Seria importante ter interprete, na PRAE (Pró-reitoria de Assuntos Estudantis) para ter uma troca de informação, assim como na diretoria da Casa também, precisava para quando acontece algum problema ou escrever algum papel, seria mais fácil se tivesse uma intérprete para ajudar com essas informações, também o DCE que não é só da

E com os servidores ouvintes do RU, bolsistas da lavanderia, laboratório de informática, membros da diretoria estudantil e PRAE? Como acontece a comunicação e interação?	
	Casa[...]Tenho que ficar escrevendo em papel e é muito demorado essa troca de informação

Fonte: elaborado pela autora.

Conforme o Quadro 9, quando **S1** é questionado sobre como é comunicar-se e interagir com os servidores ouvintes do RU, bolsistas da lavanderia, laboratório de informática, membros da diretoria estudantil e PRAE; indica em sua resposta que sente dificuldade em compreender em espaços com muito barulho. Já **S2** *“geralmente tenho dificuldade de comunicação em locais públicos... mas tenho uma boa comunicação, apesar da dificuldade, pois a leitura labial auxilia”* (**S2**).

S3 por sua vez, reivindica em sua afirmação que deveria ter um interprete na PRAE – Pró Reitoria de Assuntos Estudantis e também afirma *“assim como na diretoria da casa também, precisava para quando acontece algum problema ou escrever algum papel, seria mais fácil se tivesse uma interprete para ajudar com essas informações, também o DCE que não é só da casa[...]tenho que ficar escrevendo em papel e é muito demorado essa troca de informação”* (**S3**). Embora que no Decreto nº 5626 Art. 14 afirme que é dever das instituições federais de ensino garantir às pessoas surdas acesso à comunicação, como indica a fala de **S3**, não existem nos espaços referidos:

As instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até à superior (BRASIL, 2005).

Conforme se observa na fala de **S3** e no Artigo 14 do Decreto, deve fomentar que seja posto em prática e ter um olhar sensível para que haja cumprimento, já que este artigo estabelece que todas as atividades realizadas nas instituições devem garantir o acesso à comunicação às pessoas surdas, bem como sensibilizar membros de diretórios estudantis para que essas pessoas aprendam a comunicar-se em Libras, visto que o sujeito surdo que utiliza a língua viso manual encontra dificuldade para se comunicar “não só na sociedade, como também com os pais e irmãos, pois os familiares também não usam a língua de sinais, o que implica não

conseguir entender e nem ser entendido dentro do próprio ambiente familiar” (BARROS, 2018 p. 71).

Os sujeitos foram questionados quanto sua comunicação em assembleias e reuniões que envolvem os moradores da CEU II, conforme o Quadro 1.

Quadro 10 - Respostas quanto comunicação em assembleias e reuniões da CEU II

Você participa dos espaços deliberativos (assembleias, reuniões) da casa do estudante? Como comunica-se nesses referidos espaços?	
S1	Particpei de um CEB (Conselho de Entidades de Base). A comunicação nesses espaços se efetiva pois há uso de microfone.
S2	Participo das reuniões da diretoria da ceu ii, mas o entendimento se torna difícil por conta dos barulhos e vozes baixas.
S3	Não participo

Fonte: elaborado pela autora.

Conforme quadro acima, na fala de **S1**, percebe-se o quanto é importante para o sujeito deficiente auditivo o uso do microfone em espaços com bastante pessoas para que se efetive a comunicação. Para **S2** a comunicação se torna difícil em espaços onde as pessoas falam baixo e onde há muito barulho. Já **S3** não participa desses espaços.

Por fim, foi questionado aos sujeitos quanto ao entendimento com os colegas surdos e ouvintes moradores da CEU II, cujas respostas estão no Quadro 11.

Quadro 11 - Respostas quanto ao entendimento com os colegas surdos e ouvintes moradores da CEU II

Você é entendido e entende os colegas surdos e ouvintes moradores da CEU II?	
S1	Entendo bem quando as pessoas se comunicam comigo, pois me declaro “surdo” para que as pessoas colaborem falando mais alto.
S2	Geralmente sim, principalmente quando as pessoas facilitam (aumentam a voz, deixam exposta a boca para leitura labial).
S3	É bom o contato, a troca de informações com outros surdos e ouvintes, utilizo bilhete se a pessoa não me entende...

Fonte:elaborado pela autora.

Como exposto no quadro, **S1** afirma que se comunica bem com as pessoas e se identifica como “surdo” para sensibilizar as pessoas a falarem mais alto quando há dificuldades em comunicar-se. Já **S2** expõe a importância de facilitar a comunicação por meio da leitura labial deixando a boca do ouvinte exposta a técnica durante a conversa. **S3**, por sua vez, diz que utiliza bilhete para se comunicar com as pessoas quando não entendem o mesmo e a troca de informações é boa.

É possível perceber que nos espaços da CEU II ainda há muita coisa a mudar. Pautar a presença de intérpretes e pessoas que utilizem a Libras para comunicarem-se com os moradores que utilizam essa língua. Fomentar cursos de Libras nesse espaço da Universidade em questão para “que a sociedade se prepare para atender aqueles com necessidades especiais, incluindo-os significativamente nos projetos sociais, econômicos e educativos” (RAMPELOTTO; POSSA, 2006, p. 41).

5. Para Terminar

Essa pesquisa expôs a realidade de uma minoria surda moradora da CEU II da Universidade Federal de Santa Maria, que aponta para ouvintes a necessidade de um olhar sensível a comunicação e interação dos sujeitos. Muitas vezes esquecidos pelos próprios moradores e serviços oferecidos pela instituição de ensino, mesmo que leis garantam o acesso e permanência desses acadêmicos.

Para Machado (2017), em sua pesquisa quanto a acessibilidade da CEU II afirma que:

É preciso que os acadêmicos com necessidades especiais tenham seus direitos, de ir e vir, garantidos. Acredita-se que, conforme a lei prevista na constituição e, a partir do olhar dos gestores institucionais em prol a estes sujeitos, pode-se assegurar a estadia com boa infraestrutura na casa onde residem enquanto estudantes moradores da CEU II. Mas para que isso aconteça os gestores deveriam priorizar o investimento de recursos evitando assim que estudantes enfrentem dificuldades de adaptação ao ingressarem na UFSM.” (MACHADO, 2017, p 48)

Através das falas dos sujeitos dessa pesquisa, foi possível perceber que apesar da condição surda dos sujeitos, os mesmos fazem sua comunicação se efetivar nos espaços que ne inserem na CEU II. Mesmo assim é importante indicar a importância de aprender e conhecer uma língua da qual existe um povo usuário ativo dela e salientar que é necessário respeitar a diversidade humana e aceitar que as pessoas surdas inseridas nos espaços onde todos comunicam-se e interagem entre si. É necessário também que toda a comunidade acadêmica instituída nos órgãos públicos contribuam mutuamente com o processo de aquisição, prática e difusão da Libras, favorecendo uma comunicação efetiva, para além da CEU II. Conforme indica uma “comunicação em que todos os setores possam entender e se fazerem entender em prol de uma verdadeira interação ao usarem os serviços públicos” (BARROS, 2018, p. 72)

Bem como, é necessária a fomentação de cursos dentro da CEU II, envolvendo bolsistas, servidores, direção da Casa do Estudante e demais moradores. Envolver a comunidade para a promoção da aprendizagem de uma língua viso manual, sensibilizar todos os envolvidos com esse espaço, para que o mesmo torne-se inclusivo comunicativamente.

A CEU II, é um espaço voltado à todos e todas pessoas que necessitam de moradia, sendo assim, é preciso que essa moradia também seja um lugar de acolhimento, onde os residentes interagem e comunicam-se entre si, tanto para uma relação de afeto quanto trocas e levantamento coletivos de pautas comuns entre os moradores (conforme sua condição, gênero, raça, etc...) bem como cobrar dos órgãos da instituição suas demandas. Para que os moradores, essencialmente os com deficiência, se faz necessário que a Diretoria da CEU II, quanto órgão de representatividade dos moradores da CEU II, organize encontros, rodas de conversa, ou reuniões com todos os moradores com deficiência eventualmente para que os mesmos possam se conhecer, expor pautas próprias que podem ser coletivas.

Sabemos que muito tem sido feito na CEU II e em toda instituição para a inclusão das pessoas com deficiência e surdos e que muito ainda precisa ser feito. A acessibilidade da CEU II existe, mas como revelam as respostas dos sujeitos deste estudo, ainda precisa melhorar para tornar-se um espaço em condições de suprir as necessidades de cada estudante que lá residem e circulam.

Referências

ALMEIDA, Elizabeth Oliveira Crepaldi de Almeida. **Leitura e Surdez: um estudo com adultos não oralizados**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

BARROS, Maria Patrícia Lourenço. **DESAFIOS NA FORMAÇÃO DOCENTE PARA INCLUSÃO DE SURDOS NO IF SERTÃO – PE CAMPUS SALGUEIRO**. 2018. 140 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Decreto nº 5.626**, de 22 de Dezembro de 2005.

BRASIL, Decreto nº 7.234, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7234.htm. Acesso em: 16 maio 2019.

CERVO, A. L. BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

DIRETORIA DA CEU II (Santa Maria). UFSM (Org.). **Estatuto da CEU II: REGIMENTO INTERNO DA CEU II**. 2013. Disponível em: http://w3.ufsm.br/ceu2/site/?page_id=38>. Acesso em: 16 maio 2019. ESTATUTO CEU II, 2013.

HIRTZ, S. Pesquisa em Educação. In: SCHERER, S. (org.) **Formação Pedagógica**. Jaraguá do Sul, SC: UNERJ, 2004.

LODI, A. C. B.; LACERDA, C. B. F. (org.). **Uma escola, duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização**. Porto Alegre: Mediação, 2014.

LONGMAN, L. V. **Memórias de Surdos**. Recife: Massangana, 2007.

RIBEIRO, Elisa. **A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa**. In: Evidência, olhares e pesquisas em saberes educacionais. Número 4, maio de 2008. Araxá. Centro Universitário do Planalto de Araxá.

SKLIAR, Carlos B. **A invenção e a exclusão da alteridade “deficiente” a partir dos significados da normalidade**. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre. V.24 n.2 jul./dez. 1999. p.15-32.

MACHADO, Emileidi G. **Acessibilidade E Alteridade: Experiências Do Cotidiano Discente Na Casa De Estudante II Da Universidade Federal De Santa Maria –RS**. Santa Maria, 2017.

MALHOTRA, Naresh. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 4. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MARCONI, M.A; LAKATOS, E.M. **Técnicas de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

PERLIN, Gládis. **O Lugar da Cultura Surda**. In: A Invenção da Surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação. Orgs. THOMA, A da S. ; LOPES, M. C. – Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

POSSA, Leandra Bôer. **Metodologia de Pesquisa**. Curso de Especialização à Distância em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de Surdos: módulo I. Santa Maria: UFSM, CE, 2008. p. 127-153.

QUADROS, Ronice Muller de. **Aquisição da Linguagem**. In: Educação de Surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

RAMPELOTTO, Elisane Maria. Surdez. IN: **Fundamentos da Educação Especial II** : 2º semestre / 1. ed. - Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, Pró-Reitoria de Graduação, Centro de Educação, Curso de Graduação a Distância de Educação Especial, 2006.

RAMPELOTTO, Elisane Maria. **Processo e Produto na Educação de Surdos**. Santa Maria: UFSM/CE, 1993. Santa Maria: Programa de Pós-graduação/Centro de Educação/Universidade Federal de Santa Maria, 1993 (Dissertação de Mestrado).

RAMPELOTTO, Elisane Maria; MELARA, Adriane (Org.). **Inclusão e LIBRAS no Campus**. Santa Maria: UFSM, 2011. 85 p. Pró-Reitora de Recursos Humanos. CD-ROM.

RAMPELOTTO, Elisane Maria; POSSA, Leandra Boêr. **Educação Especial - Fundamentos**. Santa Maria: UFSM, 2006. 59 p. Centro de Educação. Curso de Graduação a Distância em Pedagogia. CD-ROM.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1980.

SILVA, Rosana Valeria Farias da; LEMOS, Lênia Elane Cintra. **Língua de Sinais**. In: TREVISAN P.F.F; SILVA, R.V.F; OLIVEIRA, S.R de (Orgs). 2008. 104 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade do Estado do Amazonas, Ed. VALER. Manaus, 2008. Cap. 3.

SKLIAR, Carlos Bernardo. **Abordagens sócio-antropológicas em Educação Especial**. In: Educação & Exclusão: abordagens sócio-antropológicas em Educação Especial. Porto Alegre: Mediação, 2001.

Apêndice

APÊNDICE A

Questões Guias

1. Qual o seu nome (iniciais), idade e curso que frequenta na UFSM?
2. Você se identifica como:
 - () surdo
 - () Deficiente Auditivo
 - () ouvinte
3. Qual a modalidade de comunicação você tem domínio e utiliza cotidianamente?
 - () Oral
 - () oral , gestual, mímica
 - () Libras
 - () outra:_____
3. Você tem domínio da Libras (Língua Brasileira de Sinais)? Utiliza no cotidiano da CEU II?
4. Quanto tempo você mora na CEU II? Você divide o quarto com colegas surdos, deficientes auditivos ou ouvintes?
5. Qual a modalidade de comunicação você utiliza com colegas surdos, deficientes auditivos ou ouvintes na CEU II?
6. Como você se comunica e interage com colegas surdos/deficientes auditivos nos espaços da CEU II?
7. E com os colegas ouvintes da CEU II? Como acontece a comunicação e interação?

8. E com os servidores ouvintes do RU, bolsistas da lavanderia, laboratório de informática, membros da diretoria estudantil e PRAE? Como acontece a comunicação e interação?
9. Você consegue interagir com surdos através da língua de sinais?
10. Você participa dos espaços deliberativos (assembleias, reuniões) da Casa do Estudante? Como comunica-se nesses referidos espaços?
11. Você é entendido e entende os colegas surdos e ouvintes moradores da CEU II ?

APÊNDICE B

Dados coletados

1. Qual o seu nome (iniciais), idade e curso que frequenta na UFSM?

Sujeito 1: Curso de Psicologia 1º semestre.

Sujeito 2: Curso de Enfermagem, 1º semestre.

Sujeito 3: Engenharia da Computação, 7º semestre

2. Você se identifica como:

(X) surdo S3

(x) Deficiente Auditivo S1, S2.

() ouvinte

3. Qual a modalidade de comunicação você tem domínio e utiliza cotidianamente?

(x) Oral S1, S2,S3

() oral , gestual, mímica

(x) Libras S3

() outra:_____

3. Você tem domínio da Libras (Língua Brasileira de Sinais)? Utiliza no cotidiano da CEU II?

Sujeito 1: “Só utilizei a língua de sinais na escola, no ensino fundamental... no cotidiano apenas a modalidade de comunicação oral”.

Sujeito 2: “Conheço alguns sinais, muito pouco. Não utilizo no dia-dia”.

Sujeito 3: Sim, mas são poucas as pessoas que sabem Libras, é preciso que mais pessoas aprendam a se comunicar em Libras e há necessidade de intérpretes para ajudar na informação. Assim, a comunicação por fala acontece normalmente quando o colega não sabe a Libras.

4. Quanto tempo você mora na CEU II? Você divide o quarto com colegas surdos, deficientes auditivos ou ouvintes?

Sujeito 1: Moro acerca de dois meses no apartamento e na moradia coletiva “união” por dois meses. Divido a moradia com ouvintes.

Sujeito 2: Moro há um semestre na CEU e divido quarto e apartamento com ouvintes.

Sujeito S3: Moro há 4 anos e meio na CEU II e divido apartamento com ouvintes.

5. Qual a modalidade de comunicação você utiliza com colegas surdos, deficientes auditivos ou ouvintes na CEU II?

Sujeito 1: Oral

Sujeito 2: Oral

Sujeito 3: Oral e Libras.

6. Como você se comunica e interage com colegas surdos/deficientes auditivos nos espaços da CEU II?

Sujeito 1: não tenho contato com outros surdos/deficientes auditivos residentes da CEU.

Sujeito 2: não tenho contato com surdos na CEU II, porém em sala de aula utilizo LIBRAS para me comunicar com um colega de curso.

Sujeito 3: comunicação Oral quando os colegas não sabem Libras. E uso Libras quando algum colega usa a Libras.

7. E com os colegas ouvintes da CEU II? Como acontece a comunicação e interação?

Sujeito 1: não tenho problemas de comunicação com os colegas de apartamento.minha comunicação em diversos espaços se efetiva.

Sujeito 2: tenho bastante dificuldade para compreender ouvintes, pois minha perda auditiva é grande.

Sujeito 3: é normal a convivência ...a minha vida aqui na casa.. consigo trocar informações facilmente com os colegas

8. E com os servidores ouvintes do RU, bolsistas da lavanderia, laboratório de informática, membros da diretoria estudantil e PRAE? Como acontece a comunicação e interação?

Sujeito 1: Sinto dificuldade apenas em locais com muito barulho.

Sujeito 2 'Geralmente tenho dificuldade de comunicação em locais públicos...mas tenho uma boa comunicação, apesar da dificuldade, pois a leitura labial auxilia.

Sujeito 3: "Seria importante ter interprete, na PRAE (Pró Reitoria de Assuntos Estudantis) para ter uma troca de informação, assim como na Diretoria da Casa também, precisava para quando acontece algum problema ou escrever algum papel, seria mais fácil se tivesse uma interprete para ajudar com essas informações, também o DCE que não é só da casa[...]tenho que ficar escrevendo em papel e é muito demorado essa troca de informação".

9. Você consegue interagir com surdos através da língua de sinais (LS) ?

Sujeito 1: Não utilizo LS.

Sujeito 2: Sim

Sujeito 3: Sim.

10. Você participa dos espaços deliberativos (assembleias, reuniões) da Casa do Estudante? Como comunica-se nesses referidos espaços?

Sujeito 1: Participo em um CEB (Conselho de Entidades de Base). A comunicação nesses espaços se efetiva pois há uso de microfone.

Sujeito 2: Participo das reuniões da Diretoria da CEU II, mas o entendimento se torna difícil por conta dos barulhos e vozes baixas.

Sujeito 3: Não participo.

11. Você é entendido e entende os colegas surdos e ouvintes moradores da CEU II ?

Sujeito 1: Entendo bem quando as pessoas se comunicam comigo, pois se declara "surdo" para que as pessoas colaborem falando mais alto.

Sujeito 2: Geralmente sim, principalmente quando as pessoas facilitam (aumentam a voz, deixam exposta a boca para leitura labial).

Sujeito 3: É boa o contato, a troca de informações com outros surdos e ouvintes, utilizo bilhete se a pessoa não me entende...